

SOMOS TODOS BLACK BLOCS!

Liberdade já!



2013 foi o ano do levante popular no Brasil, foi o ano da revolta do vinagre, da batalha da ALERJ, dos mais de 1 milhão nas ruas. Mas 2013 foi também o ano do surgimento nas manifestações em todo país de uma tática já anteriormente famosa em vários lugares do mundo, a tática 'black bloc'. A revista Veja os insulta; o Estado prende e criminaliza a utilização de máscaras em medidas claramente inconstitucionais; o PSTU os considera liberais, individualistas e inconsequentes; a rede Globo os retrata como bandidos; a professora de filosofia da USP Marilena Chauí os associa ao fascismo. Por que eles incomodam tanto ao sistema estabelecido? O que há de distinto e impossível de ser assimilado pelo sistema atual nos Blacks Blocs? Os BBs no geral se associam a uma prática anarquista. Isso significa dizer que os BBs defendem valores como a solidariedade, a igualdade, a ajuda mútua, a livre associação e a autonomia, mas mais do que isso, isso significa dizer que eles colocam em questão de uma só vez e por atos simbólicos toda esta sociedade, que eles canalizam a revolta de gerações para a ação não utilizável, não aproveitável, de modo eleitoral.

Em meio às grandes manifestações de junho começaram a surgir pequenos grupos mascarados, vestidos de negro, que se dispunham a fazer a linha de frente das manifestações, a resistir diante da violência do Estado, garantindo as ações e a segurança dos manifestantes por meio do bloqueio à repetida arbitrariedade policial.

Mas é preciso dizer ainda que, antes disso, houve o excesso do Estado, remoções arbitrárias, fechamento de escolas, repressão desmedida, quase a socialização da violência das favelas no asfalto tendo em vista garantir a todo custo o lucro de poucos com os megaeventos. Crianças levaram gás na inauguração do maracanã; spray de pimenta foi usado como perfume em todas as direções; pessoas foram perseguidas e caçadas pelas ruas; o direito de ir e vir foi abolido. O Estado se impunha pela força e o efeito desta violência desmedida começou a ser sentido quando um grupo resolveu resistir.

Nós, anarquistas organizados, sempre fomos de negro para as manifestações, alguns de nós inclusive com o rosto tapado, e isso quando poucos faziam. Sempre praticamos a ação direta, participando e apoiando a luta das ocupações sem teto – que conquistam moradia ao ocupar um prédio abandonado –, das ocupações rurais, defendendo a radicalização da luta dos trabalhadores nas greves, paralisações, nas mobilizações de favelas contra a violência policial, contra remoções, etc. Sempre defendemos os princípios que os Black Blocs defendem, sempre estivemos na linha de frente e denunciemos o oportunismo dos partidos que fugiam em seus carros de som. Mas nós não seríamos corretamente chamados Black Blocs, pois não possuíamos as táticas Black Blocs nos atos. Possuíamos, entretanto, em comum, os princípios que delas se depreendem.



Caminhada das comunidades da área portuária por moradia e educação no dia 29/08/13. Estas mobilizações também são ações diretas. Sem organização do povo não há revolução, não há poder popular

O Black Bloc é antes de tudo uma ação nas manifestações, não se trata de um grupo fixo de pessoas, embora muitos possam estar sempre presentes, outros atendem às convocações. O que há de permanente são práticas e princípios comuns. Pode-se também chamar o BB de grupo, justamente pelos princípios que mantém através destas ações comuns. Inicialmente, todos nós também nos surpreendemos quando tal tática surgiu por aqui, quando vimos um grupo de nossos irmãos aumentar a cada ato, com tanta disposição quanto juventude, colocando a polícia pra correr, trazendo consigo moradores de periferia e comunidades, defendendo a solidariedade e o combate aos símbolos do capitalismo. Tivemos que discordar quando companheiros repetiam que eram inconsequentes, inconscientes. Vimos que agiam de acordo com o que sempre defendemos e propagavam estes valores por suas ações. É certo que há uma demanda para conhecer melhor princípios e estudar teorias, para ainda melhor se organizar e formar, para efetivar trabalhos de base e contribuir cada vez mais para a construção do poder popular. Mas, se muitos não sabiam o que era anarquismo, praticavam seus princípios na luta concreta, na revolta com as desigualdades sofridas e na possibilidade de construir algo distinto. Pois não achamos que nenhuma prática possa ser totalmente desvinculada de princípios teóricos, nem que nenhuma teoria possa deixar de ter um peso na prática. Há muito mais valor e força naqueles que pela prática se identificam com valores teóricos do que naqueles que mergulhados em teorias jamais viveram na

prática seus princípios. É sempre bom lembrar que nossos melhores teóricos políticos foram, em sua maioria, também e antes de tudo ativistas.

A tática Black Bloc tem raízes na Alemanha e na Itália, a partir da década de 60, com o movimento autonomista, uma alternativa nos protestos, não partidária, nem ligada aos sindicatos ou à esquerda tradicional. O movimento foi inicialmente associado à contracultura, se vestia de negro, mas não surge imediatamente vinculado ao anarquismo, tal vínculo ideológico e político é estabelecido posteriormente, quando o fenômeno se espalha pela Europa, chegando até a América do norte. O objetivo das máscaras é garantir o anonimato, evitando a identificação policial e possíveis repressões ou perseguições, além disso, garantem um todo único, uma ação integrada na qual o bloco inteiro constitui uma unidade anônima. Já na década de 80, os precursores dos Black Blocs permanecem vinculados ao conflito urbano e as ocupações de imóveis desocupados. A tática estabelece-se então como uma forma de proteger manifestantes e ações nos protestos da ferocidade policial, prática que permanece sendo adotada por vários grupos, mesmo os grupos não anarquistas.

O que vemos neste momento aqui no Brasil é uma crescente criminalização justamente pela eficácia da ação direta e deste tipo de tática, cujos últimos atos absurdos foram a criminalização das máscaras em manifestações populares (o que, se levada ao pé da letra, impediria inclusive o carnaval) e a prisão de seis integrantes do Black Bloc.



**AS CADEIAS SÓ
SERVEM PARA
PRENDER POBRE,
PRETO E
MANIFESTANTE.
ESTE SISTEMA DE
TORTURA,
APARELHO
RACISTA, PRECISA
ACABAR!**

**- LIBERDADES
PARA OS BLACK
BLOCS!
- FIM DA PM
- FIM DOS
PRESÍDIOS!**

Existe um verdadeiro pânico no sentido deste grupo se organizar mais e, ao mesmo tempo, uma demonização que pretende justificar a violência e repressão policial. O já banalizado discurso sobre 'vândalos' e 'baderneiros' é fortalecido por acusações de diversos setores, desde vínculos infundados ao fascismo até à acusação de formação de quadrilha. Que o BB seja capa e manchete, ainda que modo depreciativo, em todo o mundo, nos principais meios de comunicação, é certamente um reconhecimento de força e poder. O Black Bloc é um dos grandes legados das nossas jornadas junho e é também uma prática que cresce e se organiza em vários países do mundo, basta lembrar da Grécia, basta ver o que ocorre hoje no México e na Colômbia. Quando Marilena Chauí, em meio à imensa violência policial e busca de justificativas para um massacre, faz eco à Globo, à Veja e ao PSTU e questiona o sentido político das ações dos BBs, isso não apenas demonstra sua ignorância sobre assunto, mas dá provas de irresponsabilidade intelectual. As pessoas precisam ser cobradas pela posição que ocupam na sociedade, quando um policial agride manifestantes covardemente, quando usa armas com balas letais, a responsabilidade não é apenas dele e do Estado, é também destes intelectuais e dos meios comunicação que criam o pano de fundo contra o qual suas ações podem ser justificadas publicamente. Marilena disse que os Black Blocs têm inspiração fascista.

Ora, o fascismo nasce de um sentimento extremamente nacionalista e defende um Estado centralista e totalitarista, a principal ideologia reivindicada pelo BB é o anarquismo, isto é, uma posição política internacionalista e que defende a abolição do Estado. Exatamente o oposto. Ocorre que chamar de anarquista não ofende, os anarquistas não foram responsáveis pelo massacre de milhares de pessoas, chamar de anarquista não incentiva a antipatia e o medo da população, muito pelo contrário, chamar de anarquista nos últimos tempos tem agradado bastante, então não importa o que se veja no mundo, o discurso do governo, da mídia oficial e da esquerda partidária continuará sendo a de que seus opositores são sempre fascistas, ainda que os Black Blocs levantem bandeiras pretas com o A na bola.

É então ainda preciso quebrar este discurso, lembrar que os supostos atos vândalos são, quando europeus, chamados 'revolucionários'. É preciso também ainda lembrar que nenhuma grande modificação social, revolta, levante ou revolução foi feita sem os atos qualificados hoje como baderna. Além disso, é preciso conhecer em que consiste a tática Black Bloc, não apenas bloquear a polícia, com barricadas e escudos, para garantir a manifestação e a eficácia das ações diretas, mas outras ações que não têm também qualquer relação com o que lhes é normalmente atribuído, como simplesmente confundir a polícia, colocá-la pra correr, e fazer cordões de isolamento que impeçam a revista sucessiva e arbitrária, garantido assim que o ato transcorra como previsto. A resistência Black Bloc é contra uma determinada ordem estabelecida, contra a violência policial e o massacre da população pela polícia tendo em vista os interesses das classes dominantes. Este é o diálogo com a população que se busca, a identificação de interesses, o abraço à classe trabalhadora. Este diálogo aparece como real, quando em meio a uma paralização de trem, a população tapa o rosto com camisas e apedreja a estação ou incendeia os trens. A população se reconhece e reivindica a revolta expressa pelo bloco negro. Muito está sendo aprendido pelas crianças de comunidades que vão pra rua com os rostos tapados gritar pelo aparecimento do Amarildo, estão aprendendo outro modelo de herói que não o da indústria cultural, que não o do "dono" do morro, mas estes novos atores da cena política: mascarados anarquistas que defendem professores e não temem a violência do Estado. Que elas continuem brincando de fazer barricadas e tapando a face de suas bonecas. A sociedade só ganha e cresce muito politicamente com isso. Precisamos agradecer aos BBs por nos fazerem renovar nossas crenças nas modificações sociais e nas pessoas, em uma sociedade igualitária e justa. Muitos não acreditavam mais nos sonhos que um dia tiveram, mas há ainda aqueles que chegam ao anarquismo pela melhor forma que alguém pode chegar: pela luta real e concreta. Por isso, quando prendem os administradores da página Black Bloc, mal sabem eles que o bloco negro não tem líder, nem se resume a 6 pessoas, mas é muito maior que isso. É por isso, apesar das prisões estará lá no setembro negro! Também desconhecem que nem todas as pessoas anarquistas integram o Black bloc, e independentemente das prisões, no 7 de setembro estarão nas ruas! Ignoram ainda que a radicalização popular, que a coragem revolucionária, não se resumem aqueles que se intitulam anarquistas, e portanto no 7 de setembro de mascaras ou não, o povo revoltado, e sedento por outro mundo, estará lá! Setembro negro está chegando! E suas prisões, suas leis anti-mascarados, seu reforço policial, nada disso irá nos deter! Somos muitos, somos a massa reprimida, o povo explorado, somos quem sustenta essa sociedade! E porque não temos rosto, nem nome, nem líder, somos invencíveis! Prendam um, e surgirão outras dezenas, centenas, milhares de revoltados!

ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA TERRA E LIBERDADE (OATL)

CONTATOS: terraeliberdade.org/ terraeliberdade@riseup.net / facebook: página "Organização Anarquista Terra e Liberdade"